

Yamaha DVD-S2500

Introdução e descrição

Aberta a guerra dos gravadores de DVD-Vídeo – que são máquinas também capazes de reproduzir filmes –, os equipamentos restritos à leitura de conteúdos, tentam cativar dois segmentos de mercado muito diferentes: o segmento em que o preço baixo é o único critério e o segmento em que a qualidade impera.

Suponho que para a generalidade dos consumidores realmente apreciadores de cinema em casa, o caminho da qualidade seja a única opção, principalmente porque assumindo que já existe um leitor de DVD no lar, só é racional substituí-lo por uma alternativa que faça mais e melhor.

Muito mais e muito melhor é a ambição do leitor Yamaha DVD-S2500. Este Yamaha é um leitor de discos ópticos diversos, suportando principalmente DVD-Vídeo, DVD-Áudio, Super Áudio CD (SA-CD), Vídeo-CD (VCD), Super VCD e CD-R(W), estes últimos podendo conter ficheiros MP3 e JPG.

Esta lista de funcionalidades não é extasiante: outros leitores domésticos de discos ópticos suportam conteúdos em formatos como WMA (Windows Media Audio), FLAC (um codec para a compressão de áudio, sem perda de dados), XVID e DIVX.

Também seria agradável que os ficheiros MP3 e JPG fossem suportados em DVD-R ou DVD-RW. Isso só não acontece devido à inflexibilidade da rotina que detecta a inserção desses discos, que procura de imediato a estrutura de ficheiros correspondente a um DVD-Vídeo, ignorando outras pastas e fazendo eject da rodela, com a mensagem de «Unknown», no display frontal.

Para quem, ainda assim, quiser fazer autoria de discos com ficheiros MP3 e JPG, fica a nota que é sempre necessário finalizá-los (sinalizar que a tabela de conteúdos está encerrada).

O que o Yamaha DVD-S2500 omite, em formatos suportados, compensa em termos de ligações físicas. Este equipamento é tão completo que integra: ficha HDMI, fichas i.Link, interface RS-232C, decodificador de áudio com saídas analógicas 5.1, saídas de vídeo analógico composto, s-Vídeo e por componentes; as habituais saídas óptica e coaxial, para áudio digital, e um terminal para ligação do cabo de electricidade.

Acresce que as entranhas deste Yamaha orgulham-se de incluir electrónica Genesis/Faroudja (chip FLI-2310 LF) para o processamento de vídeo – essencialmente para o chamado vídeo progressivo, que consiste em não intervalar a emissão das linhas pares e ímpares, funcionando pois ao dobro da velocidade do vídeo interlaced.

A lista de logótipos estampados na frente do Yamaha informam deste «DCDi by Faroudja», mas o logótipo poderá fazer hesitar algumas pessoas, devido à suposta frequência com que esta solução despoleta fenómenos de blocos de pixéis (macroblocking), apesar da excelência com que faz de-interlacing

(vídeo progressivo) e anti-aliasing (eliminação de efeitos de escada). No teste propriamente dito, eu estaria/estive atento a esses fenómenos.

No papel, não subsistam dúvidas, o Yamaha DVD-S2500 é uma montra do melhor que há em electrónica doméstica.

O vídeo DAC (@ 216 MHz) tem uma resolução de 12 bits por componente de cor, o que matematicamente corresponde a mais cores do que aquelas que, em teoria, o nosso sentido da visão consegue distinguir.

O terminal HDMI (High Definition Multimedia Interface) suporta a transferência de vídeo não sujeito a (re)compressão, entre o Yamaha e um dispositivo de visualização compatível. A ficha HDMI é uma «evolução» da interface DVI (Digital Visual Interface), que junta ao sinal de vídeo, o transporte do sinal de áudio. Conforme seria de esperar, a ligação só será bem sucedida com equipamentos que façam HDCP (High bandwidth Digital Content Protection), de forma a impedir cópias digitais dos conteúdos de «alta definição».

Devo admitir que a expressão «alta definição» causa-me ligeiras reservas... 1080 linhas são ALTA definição em 2006? Talvez o fossem em 1996, mas parece-me uma adjectivação desvirtuada nestes dias que correm, em que não é assim tão invulgar trabalhar-se com resoluções de 2048 linhas e utilizarem-se máquinas de fotografar digitais com «olho» de 4368 linhas (12.8 MPixels). Talvez a «alta definição» HDMI seja uma expressão própria desta fase, em que só dispositivos CRT (em extinção) reproduzem 1:1 imagens de 2048+ linhas, e há que escoar LCDs e Plasmas de 1080 linhas. Em todo o caso, é um facto que só agora começam a surgir conteúdos *passivos* domésticos (filmes, séries de televisão), com 1080 linhas.

No Yamaha DVD-S2500, são suportados sinais HDMI 480p, 576p, 720p e 1080i : nestas referências, o número é o número de linhas; p significa «vídeo progressivo» e i significa «vídeo interlaced».

Mas o som pode ser rei em muitas ocasiões – por exemplo, durante este teste, vi o filme *The Village* (2004), cujo suspense depende grandemente da acústica envolvente – e o DVD-S2500 não descarta o áudio, recorrendo a DACs (Digital to Analogue Converters) de 192 kHz de amostragem e 24 bits de resolução, que só farão ouvir o seu melhor nos suportes SA-CD e DVD-Áudio.

Outros detalhes denotam atenção ao som; por exemplo: (1) são suportadas as meta-informações ID3 em ficheiros MP3, (2) a máquina integra decodificadores DTS e Dolby Digital, e os terminais 5.1 correspondentes são dourados; (3) as fichas i.Link (IEEE1394 ou firewire) estão presentes a pensar nos fluxos Linear PCM (DVD-Áudio) e DSD (Direct Stream Digital @ SA-CD); (4) é possível desligar completamente os circuitos de vídeo, durante sessões de áudio; e (5) o próprio painel frontal em alumínio oferece, teoricamente, um efeito de blindagem electro-magnética, que minimiza os eventuais efeitos de interferência que podem resultar da proximidade de dispositivos, como televisores.

Para lá das fichas já referidas, na parte de trás do Yamaha DVD-S2500, existe um selector «Scan Mode», que comuta entre «interlace» e «progressive» e que muda o tipo de sinal de vídeo analógico emitido. Em caso de dificuldades com o sinal «progressive», que podem acontecer com televisores velhos, o utilizador pode/deve mudar para «interlace». No caso estar a ser lido algum disco nessa ocasião, o Yamaha faz stop, apresenta o seu «wallpaper» e depois dá continuidade ao filme, em 2, 3 segundos.

O telecomando é básico, mas funcional: as teclas têm cores, formas e localizações apropriadas, mas não há nada de relativamente distintivo, como retro-iluminação.

O sistema de menús é fácil de utilizar, mas comete algumas falhas, como esconder parcialmente o caminho da opção que está a ser trabalhada (mostrando apenas as opções terminais) e NÃO esconder certas opções, quando não se aplicam, como deixar ajustar Chroma Delay e Gamma – que só se afectam sinal de vídeo analógico feito sair pela saída por componentes – quando se está a utilizar a saída HDMI.

De todas as opções, as mais interessantes ficam no menú «Adv. Picture» (Advanced Picture). Este menú é riquíssimo e confere às possibilidades de ajuste do Yamaha um alcance que se tornou referência no meu universo de experiências, com leitores domésticos. De entre muitos ajustes, destaco a utilidade e o impacto notório de: True Life, DCDI, Chroma Delay, Gamma e Video Shift.

True Life (ajustável de 0 a +7) contribui para imagens mais vivas, tendo efeitos na cor e no contraste.

Directional Correction Deinterlacing (DCDI ligado/desligado), que só se aplica a vídeo progressivo, é uma forma de anti-aliasing; isto é, uma forma de evitar «efeitos de escada» artificiais, através de um processo matemático baseado em vectores horizontais de 2 pixéis. Os utilizadores de computadores acharão o funcionamento de DCDI similar ao que se faz no projecto «AVI Synth» (<http://avisynth.sourceforge.net/>).

Chroma Delay (-3 a +3), que só se aplica à saída de vídeo analógico por componentes, corrige a desincronia entre os sinais de luminância e crominância. Se, por exemplo, achar que há uma periferia luminosa nas formas que estão no ecrã, é possível que o seu sinal de vídeo tenha luz e cor fora de compasso.

Gamma (-7 a +7), que só se aplica à saída de vídeo analógico por componentes, na prática, serve para tornar mais visíveis as cenas escuras (valores positivos), ou acentuar contrastes (valores negativos).

Video Shift (+1 a +7), deixa ajustar a posição da imagem, para a esquerda ou para a direita, entre 1 a 7 pixéis.

É pena que alguns destes ajustes não sejam aplicáveis ao sinal HDMI.

Opinião

Esta opinião refere-se à utilização do Yamaha DVD-S2500, com um televisor Sony CRT KV29, utilizando vídeo progressivo, pela ficha S-Vídeo. O som foi assegurado pelo próprio leitor de DVD, sem recorrer a descodificadores externos, usando-se os seguintes amplificadores e colunas:
Frente : Audiolab 8000PX + Paradigm Reference Studio 100
Centro: Audiolab 8000S + Castle Keep
Atrás: Audiolab 8000A + Infinity Reference 50

O filme mais relevante para a minha opinião acabou por ser *The Village* (2004), em que se conta a história de uma comunidade isolada, receosa de criaturas que habitam a periferia da sua aldeia, e com as quais foi estabelecido um pacto «territorial», que um dia haverá necessidade de violar...

É um filme «cerebral», que despoleta emoções sólidas no espectador. O áudio é formidável, apesar da quase ausência de momentos musicais. É formidável, porque estão omnipresentes ruídos intimidantes, como ramos que se quebram, ventos que uivam, e ramagens que abanam, num fundo de orquestração grave, lenta e cíclica, como que ondas do mar muito lentas e muito espessas...

O Yamaha DVD-S2500 reproduziu estes sons da floresta com uma credibilidade formidável, com efeitos de imersão ao nível dos melhores descodificadores que já utilizei. Muito convincente e eficaz!

O vídeo analógico deste equipamento é, numa só expressão, muito bom! As cores são vivas, intensamente recortadas ou suavemente transitadas, o que no primeiro caso significa a ausência do chamado efeito de mosquito (lixo digital nas fronteiras entre objectos) e, no segundo caso, significa um anti-aliasing bem sucedido e um vídeo DAC que cumpre o que promete.

Não detectei problemas de blocos de pixéis nos movimentos rápidos e também não os detectei com cores sólidas uniformes, que é onde – relatam alguns fóruns – o chip Faroudja mais deixa acontecer esses fenómenos. Todavia, devo alertar que a generalidade dos relatos referem a utilização da ficha HDMI e não as fichas analógicas.

Em *The Village* (2004) e *Memoirs of a Geisha* (2005), cores, movimentos e cenas com fundos uniformes, foram reproduzidas com uma vivacidade, detalhe e consistência, à margem de reparos, com uma excepção curiosíssima: nos filmes com barras horizontais negras (todos os que vi, de forma a respeitar a relação comprimento:altura, no dispositivo de visualização), foi evidente, na fronteira entre as barras e o conteúdo, que a metade direita do ecrã se eleva uma linha, relativamente à metade esquerda. Fazendo pausas na reprodução, o fenómeno parecer restringir-se à fronteira com as barras e não a toda a imagem.

Em conteúdos «sem barras», como séries de TV (*The Simpsons*, 24), registadas a partir de emissões televisivas, com gravadores de DVD-Vídeo, não houve quaisquer problemas na reprodução.

O Yamaha DVD-S2500 também não acusou incompatibilidade com nenhum DVD-Vídeo da minha colecção, incluindo títulos que me habituei a utilizar sempre, pela sua fama de problemáticos (The Faculty).

Resumo

O Yamaha DVD-S2500 é um leitor de discos ópticos, compatível com quase todos os formatos relevantes (DVD-Video, VCD, SVCD, DVD-Audio, SA-CD, MP3), que integra descodificação Dolby Digital e DTS, e ostenta todas as fichas com expressão no mundo do cinema-em-casa, incluindo HDMI, i-Link, e vídeo por componentes.

A sua extrema polivalência está sustentada em electrónica nobre, muito ajustável e, eventualmente, a exigir ajustes para cada instalação particular. Os resultados são áudio e vídeo naturais, consistentes ao longo do tempo, detalhados e credíveis. Este é um produto de grande qualidade, para resultados potencialmente arrebatadores.